

Pragmatismo peirciano para entender os movimentos sociais em contexto digital e a gestão social da “justiça global”¹

Débora de Carvalho Pereira

Resumo: Este artigo articula o conceito de pragmatismo peirciano, que evidencia como se formam as crenças com o estudo da emergência das redes sócio-semióticas e sócio-semânticas, para entender as dinâmicas informacionais da mobilização social em espaços virtuais. A partir dessas teorias, são feitas análises de tráfego dos *sites* do Avaaz e Wikileaks, o primeiro agindo por meio de campanhas com linguagem publicitária e o segundo, por divulgação de documentos oficiais vazados. Nos processos semióticos encontrados é possível identificar diferentes níveis de interpretante, na relação pragmática do signo com seu objeto.

Palavras-chave: pragmatismo; redes sócio-semióticas; mobilização virtual

Abstract: Peircean pragmatism for understanding social movements in digital context and social management of the “global justice”. This article intertwines the concept of Peircian pragmatism, which explains the formation of beliefs with the study of the emergence of sociosemiotic and sociosemantic networks in order to understand the informational dynamics of social mobilization in virtual spaces. From these concepts, I analyze the traffic of the *websites* Avaaz and Wikileaks. The first operates using campaigns that emphasize the language of publicity, whereas the second by disclosing official classified documents leaked. In the semiotic processes of the two cases, it was possible to find different levels of interpretant in the pragmatic relationship between a sign and its object.

Keywords: pragmatism; socio-semiotics networks; virtual mobilization

¹ Este trabalho foi originalmente apresentado na Seventh Conference of the Nordic Association for Semiotic Studies (NASS), em maio/11, Lundi, Suécia. A autora do artigo é bolsista CAPES (processo nº 5297/11-7) e trabalha sob a orientação de Maria Aparecida Moura.

Introdução

Os movimentos sociais em espaços virtuais, como práticas de uma justiça global, tratam de questões transnacionais: poluição, extinção de animais, conflitos culturais, governamentais e religiosos etc. Desde que o desejo do consumo, a industrialização e o uso de petróleo igualam os cidadãos, o acesso à Internet possibilita a chamada *A sociedade em rede* (CASTELLS, 2002) ou *A sociedade da informação* (MATTELART, 2006).

Favorecidos pelo barateamento da tecnologia, anônimos usam dispositivos em “lutas em que a informação enquanto catalisadora do afeto das populações revela-se fator determinante na condução das ações e paixões, pondo os movimentos sociais sob a forte influência das expressões incorporais” (ANTOUN; MALINI, 2011). Dois *sites* são ícones desse tipo de movimento: Avaaz e Wikileaks. Têm em comum o clamor pela justiça global. Avaaz é um *site* de campanhas em 14 idiomas. Desde 2007, é “uma comunidade de mobilização *online* que leva a voz da sociedade civil para a política global”² (AVAAZ, *online*). Por sua vez, Wikileaks³ é uma entidade transnacional, com sede na Suécia, que causou constrangimentos entre governos ao publicar informações sobre corrupção, violação dos direitos humanos e crimes de guerra (SIFRY, 2011). O *site* é editado pelo jornalista australiano Julian Assange.

Para compreender os processos de ciberativismo que objetivam formar na consciência dos cidadãos o significado de “justiça global”, este artigo examina os conceitos do pragmatismo peirciano (1) e das redes sociotécnicas (2) e os aplica ao caso dos *sites* Avaaz e Wikileaks (3), entre outros exemplos, com apontamentos para a falácia sentimentalista que pode ser encontrada em seus processos (4).

O pragmatismo

Na concepção de Charles Sanders Peirce, tudo que existe constitui um signo, pode ser representado como outro signo em encadeamentos de significação. Potencialmente, tudo é signo, desde que estabeleça uma relação genuína e triádica ordenada. O signo é decomposto em objeto, signo (*representâmen*) e interpretante.

O objeto é do domínio da Primeiridade, consta parcialmente da Secundidade (*representâmen*) e tende à Terceiridade, quando o interpretante se transforma em outro signo. O *representâmen* é um recorte do objeto que o originou, produz em uma mente outro signo, denominado interpretante. O objeto é algo além do signo, limitado pelo *representâmen*. A experiência colateral de cada um, ou seja, o acúmulo de conhecimento, define o recorte do objeto representado. Este, por sua vez, age no domínio da Terceiridade, completa-se e atua nessa categoria. Essa completude não significa encerramento, continua e desencadeia redes de produção de sentido, a semiose.

² Disponível em <http://www.avaaz.org/po/about.php>. Acesso em: 13 de mar. 2011.

³ Disponível em <http://wikileaks.ch/>. Acesso em: 13 de mar. 2011.

Como não é objetivo desse artigo uma revisão aprofundada da *A Teoria Geral dos Signos*, apenas ressaltamos que Peirce estabelece subdivisões para o interpretante (SANTAELLA, 1995). Elas baseiam-se nos seguintes critérios: 1) extensão e profundidade do símbolo, 2) processos comunicativos e 3) caráter morfogenético. De acordo com tal categorização, o interpretante pode ser imediato, dinâmico ou final. O interpretante imediato é tudo aquilo que o signo pode produzir numa mente real ou potencial – no domínio da possibilidade. O interpretante dinâmico é o sentido direto do signo numa mente interpretadora, e subdivide-se em emocional, energético e lógico, como descrito a seguir:

O emocional, desde uma mera qualidade de sentimento vaga e indefinível até uma emoção codificada: “o primeiro efeito significativo de um signo é o sentimento por ele provocado” (CP 5.475). O segundo nível é o energético, o esforço que é da ordem da ação psíquica, pois existe um embate perceptível, em maior ou menor grau, entre o signo e a mente interpretadora. Há sempre algo de combativo no ato interpretativo. O terceiro nível é o lógico, uma regra de interpretação.” (SANTAELLA, 1992, p. 197)

O interpretante final é o efeito que o signo produziria se a semiose fosse levada ao seu limite. É utópico, nunca se concretiza, seria o fim da semiose, com o objeto dinâmico sendo mostrado por inteiro.

Peirce estava interessado em descobrir como é possível o conhecimento da realidade. Como percebemos tudo? Deixemos o *site* da rede Avaaz respondê-lo. Temos aí, por exemplo, a foto de uma mulher descabelada, enterrada, com pedras em volta. À primeira vista, pensamos ser uma adúltera muçulmana que cumpre sua sentença. Mas, ao clicar na foto, uma segunda página⁴ se abre e a legenda anuncia que é uma ativista iraniana em *performance* contra a realidade do seu país. O interesse em saber mais, na teoria do pragmatismo, define o limite da investigação. Esse é o pensamento do pragmatismo contemporâneo, desenvolvido por William James, a partir da obra de Peirce. No caso do *site* da Avaaz, com um clique desencadeia-se a significação.

É fácil aceitar a injustiça do apedrejamento de mulheres adúlteras como verdade, para um observador ocidental, sem pensar em questões políticas e religiosas envolvidas, assim como é fácil olhar um objeto na parede e dizer: “– é um relógio!”, independentemente de suas peças internas, porque desde crianças “copiamos” que relógio é o objeto que marca cartesianamente o tempo. Mas há outros processos de significação mais complexos ao se tornarem verdades.

Nesse ponto é que o pragmatismo e o intelectualismo começam a se juntar. Primeiramente, sem dúvida, concordar significa copiar, mas vimos que a mera palavra “relógio” faria ao invés de um quadro mental de suas peças e não cópias de muitas realidades. “Passado”, “poder”, “espontaneidade” – como pode nosso espírito copiar essas realidades? (JAMES, 1974, p. 28)

⁴ Campanha da Avaaz disponível em http://www.avaaz.org/pt/stop_stoning. Acesso em: 11 out. 2011.

Se não há nada contraditório sobre uma verdade, é fácil copiar um conceito. Mas, se há um processo entre dúvida e crença, as crenças orientam os desejos e a irritação da dúvida gera uma luta, que leva a uma enunciação semiósica (MOURA, 2006, p. 5), ou o esforço de organizar verdades para gerar conforto:

Relacionamos uma ideia abstrata a outra, estruturando, no fim, grandes sistemas de verdade lógica e matemática, sob cujos respectivos termos os fatos sensíveis da experiência arranjam-se por fim, de modo que nossas verdades eternas são também verdadeiras quanto às realidades. Esse casamento de fato com a teoria é interminavelmente fértil. (JAMES, 1974, p. 27-28)

Os artigos *A Fixação das Crenças* e *Como tornar claras nossas ideias* fundamentam o conceito de “pragmatismo” (PEIRCE, 1972). As crenças influenciam o comportamento, são o “pano de fundo” do “mundo da vida”. O “senso comum” está cheio de autenticidade (por exemplo, em movimentos sociais e políticos), neles, *a priori*, os pensamentos tendem a construir sistemas, técnicas que têm a função de tornar a vida cognoscível.

Tomemos como exemplo o hábito de tomar banho. Na Europa, na Idade Média, a frequência do banho era de uma vez por ano e o excesso, motivo de doença (ASHENBURG, 2007). Depois, com o sanitarismo de Pasteur, banho virou sinônimo de saúde. Agora, justificado por verdades ecocientíficas, o site do governo brasileiro⁵ aconselha-nos a diminuir o tempo do banho de doze para seis minutos. Já a ONG SOS Mata Atlântica anuncia que fazer “xixi no banho”⁶ pode salvar o planeta e a modelo Gisele Bündchen⁷ declara que 1.040 pessoas engajadas na sua campanha de urinar no banho economizaram 4.555.200 litros de água por ano.

Peirce delimita dois métodos para a fixação das crenças: a tenacidade e a autoridade. O primeiro é exemplificado pelo fanatismo religioso, a recusa à introdução de novas experiências suscetíveis de modificar a crença, o que faz com que os homens se apeguem ferrenhamente a posições adotadas; é a fé sólida que proporciona “paz de espírito” (CP 5.377). O método da autoridade, por sua vez, tem superioridade mental sobre o da tenacidade, pois consiste em fixar a crença pela enunciação de alguma autoridade (uma organização política, acadêmica, econômica), que supostamente tem o controle da verdade.

Quando Pasteur justifica cientificamente que o banho é saudável, acontece o que Peirce chama de “impulso social” (CP 5.378): opiniões adversas emanadas de uma autoridade reconhecida chocam-se com as convicções estabelecidas. Já quando a *top model* Bündchen evoca uma alteração no hábito de tomar banho, mescla-se a tenacidade

⁵ Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/consumo-consciente/html/energia/energia/diminua-o-tempo-no-banho>>. Acesso em: 12 out. 2011.

⁶ Disponível em: <<http://xixinobanho.org.br/>>. Acesso em: 12 out. 2011.

⁷ Disponível em: <<http://www.giselebundchen.com.br/atitude/>>. Acesso em: 12 out. 2011.

da sua presença como ícone *fashion* da religião do consumismo contemporâneo, com a suposta autoridade da divulgação da quantidade, simulada, da economia de litros d’água de indivíduos que aderiram à sua campanha. É o método da tenacidade travestido de autoridade.

Este exemplo simples demonstra a complexidade do pragmatismo peirciano. As significações são lógicas estruturais semânticas, e não apenas fatos biológicos ou psicológicos; mais que isso, são estruturas emergentes de padrões de relacionamento oriundos das respostas do organismo humano com o universo. Isso envolve a otimização do raciocínio em relação a valores cognitivos.

William James tinha uma visão mais orgânica da linguagem e do pragmatismo, vendo as coisas como se os processos de significação pudessem ser explicados pela interação de organismos vivos. Já Dewey, que foi aluno de Peirce, e trabalhava sob a influência da teoria evolucionista, o que era um pouco contestado por Peirce, entendia o pragmatismo dentro de uma perspectiva naturalista. A ambiguidade da palavra “naturalista” está no fato de que a mesma pode interpretar o comportamento humano como o dos primatas, insetos, ou bactérias. Assim como estes, o homem é um ser vivo, evolui em redes com outros homens, em comunidades linguísticas, que transmitem conhecimento e cultura. Segundo Dewey:

a concepção naturalista da lógica, que subjaz à posição aqui assumida, é um naturalismo cultural. Nem a investigação, nem sequer o mais abstrato conjunto formal de símbolos podem escapar da matriz cultural na qual eles vivem, movem-se e têm sua existência. (DEWEY, 1938, p. 19)

Esse *naturalismo cultural* ajuda a entender a dinâmica das organizações entre sujeitos informacionais inseridos em um contexto nos quais os espaços culturais se sobrepõem em camadas digitais, o que torna a análise mais complexa, pois a tradução de um signo se processa, no mínimo, entre o saber social compartilhado entre o emissor, tradutor e receptor, que se encontram no novo significado gerado pela tradução.

Ao propor articular a semiótica peirciana e o conceito de redes sóciossemânticas e sóciossemióticas, partimos do pressuposto de que o refluxo das mediações informacionais negociam a “justiça global”. O diálogo entre os conceitos apresentados entre este item e o seguinte dá suporte teórico para avaliar o desempenho dos *sites* Avaaz e Wikileaks em sua “gestão social” da verdade em torno desta justiça.

As redes sociosemióticas e a nebulosidade dos sujeitos nas mediações informacionais

A *Web 2.0* reduz o acesso dos intermediários à informação e intensifica os fluxos informacionais. Observa-se uma sobreposição de atores produzindo discursos, emitidos

por identidades comunicacionais autônomas, como o “naturalismo cultural” citado anteriormente. As práticas sociais em rede, possíveis nos ambientes digitais, propiciam a experimentação da identidade pautada pelos dados fornecidos e seu compartilhamento.

Comunidades de saberes resultam de aglomerações de indivíduos que interagem numa rede social ligada a um domínio de interesse partilhado. Para Cointet (2009), em sistemas nas quais trafegam conteúdos distribuídos, o saber adquire um sentido mais amplo: é o conjunto de processos que dão lugar à produção de artefatos culturais variados, distribuídos e discutidos em uma rede social, que comparamos à negociação pragmática para a construção de realidades, explicada no item anterior.

Observa-se que os engajamentos sociais têm lugar em canais variados. Se é possível, por um lado, identificar a agregação semântica que caracteriza certas tribos e tradições, por outro, estes laços são perenes e heterogêneos. A agregação semântica permite caracterizar as redes cognitivas (COINTET, 2009) que revelam acordos semióticos e são a combinação de três redes em evolução: a rede social, que traduz as interações interindividuais, a rede sociosemiótica, que descreve como as entidades se mobilizam e a rede semântica, referente às estruturas no conjunto de entidades semióticas. Atores sociais, grupos, percursos, linguagens e práticas informacionais negociados manifestam um *background* semântico. Este *background* pode evidenciar a formação de uma ideologia, a constatação de um hábito ou crença e/ou a existência de um conflito perceptível.

Por outro lado, a circulação de vestígios informacionais, potencializada pelo fácil acesso aos dispositivos técnicos, fornece matéria-prima para estudos sobre o comportamento humano. Permite a visualização de estados sociais, da formação e alteração de valores pelas tecnologias de comunicação e o monitoramento da evolução das competências cognitivas (RÉGIS, 2009).

Há ferramentas que medem a popularidade de termos na Internet em tempo real, indicam tendências e fazem surgir o fenômeno da vigilância descentralizada, que envolve uma série de ações estéticas, políticas e sociais. Por exemplo, o Google Insights⁸ monitora e compara a busca por termos aleatórios, em tempo real, com opção de selecionar qualquer período desde 2004. São coletados dados de milhões de usuários, sem identificação pessoal, e exibidos como quantidade significativa de tráfego. Isso impede que sejam medidos termos não muito populares.

Em relação à busca do termo Avaaz, o primeiro gráfico a seguir mostra os picos de procura, em que as letras (A, B, C) representam as notícias mais populares. O segundo gráfico representa os países que mais buscam o termo Avaaz, com destaque para França, Alemanha, Canadá, Brasil e Austrália.

⁸ Disponível em: <<http://www.google.com/insights>>. Acesso em: 17 mar. 2011.

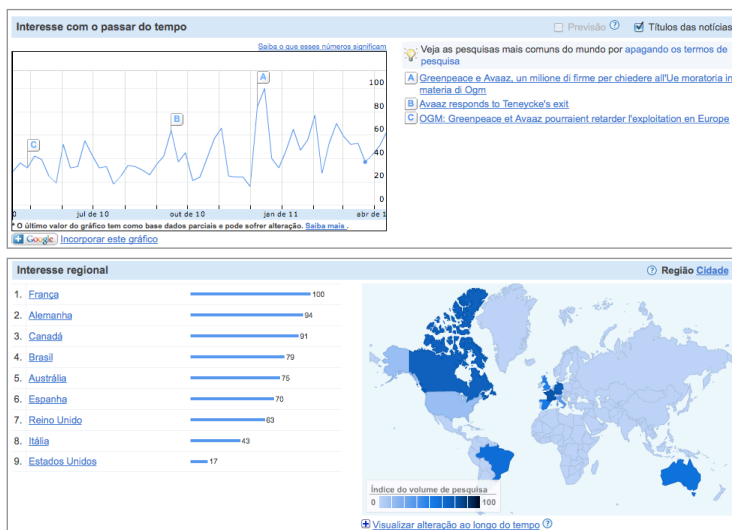


Fig.1. Resultados para o termo Avaaz pelo Google Insights, no período de abril de 2010 a abril de 2011.
 Fonte: <http://www.google.com/insights/search/#q=Avaaz&date=today%2012-m&cmpt=q>

Sobre o Wikileaks, o primeiro gráfico abaixo, em que as letras (A, B, C, D, E, F, G) representam notícias mais populares, mostra os picos de procura. O segundo gráfico representa os países que mais buscam o termo Wikileaks, com destaque para Quênia, Líbano, Sri-Lanka, Paquistão, Azerbaijão, Argélia e outros.

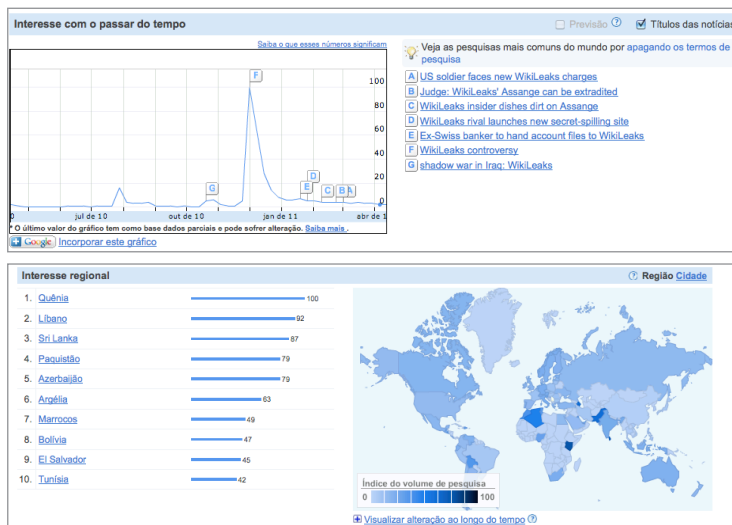


Fig.2. Resultados para o termo Wikileaks pelo Google Insights, no período de abril de 2010 a abril de 2011.
 Fonte: <http://www.google.com/insights/search/#q=wikileaks&date=today%2012-m&cmpt=q>

Mas é fundamental desconfiar do sonho da transparência “*bottom-up*” que este panóptico participativo produz (BRUNO, 2009). Governos e empresas estão interessados nessas informações, a fim de manipular as ideologias políticas e do consumo. Por outro lado, com a *Web 2.0*⁹ surge uma multidão interessada em compartilhar dados sobre empresas e governos, a fim de monitorar, por exemplo, suas práticas de responsabilidade social:

Sous l’effet conjugué du développement des Technologies et de La professionnalisation de la société civile, un réseau efficace de vigilance a vu le jour, accessible a tous lês citoyens, à la fois source d’information pour lês médias et organe de surveillance et de dénonciation des institutions, publiques et privées, dérogeant à leurs responsabilités environnementales et sociales. (BERHAULT, 2008, p.25)¹⁰

Essa prática de compartilhamento coletivo resulta em ações em diferentes campos (político, econômico, cultural), daí, por exemplo, o boicote a empresas e produtos da Nike e da Shell (BERHAULT, 2008; KLEIN, 2004), eventos como Fórum Social Mundial e a proliferação de ONGs defensoras dos direitos humanos.

Por outro lado, o monitoramento de vestígios significativos comprova o caráter panóptico da tecnologia. O agente em ação é meio de expressão e comunicação com o ambiente, deixa rastros textuais, observados nas dinâmicas sociais e semânticas na contemporaneidade. O avatar é o produto da tensão entre dois universos que não são regidos nem pelas leis físicas, nem pelas leis morais.

A identidade performativa desse sujeito, sua representação indicial, se manifestam pela interface do computador, geram outras formas de presença e certificação. O sujeito é diluído pelo digital e se apresenta paradoxalmente na pós-modernidade. Segundo Machado (2002), ao mesmo tempo em que ele tem mais possibilidades de se expressar, por multicanais acessíveis, “o sujeito se torna anônimo, sem identidade (porque em essência, é uma máquina que vê e enuncia), mas o seu papel estruturante, o seu papel “assujeitador” é potencializado” (MACHADO, 2002, p. 88). Essa potencialização se dá principalmente pela apropriação de ferramentas técnicas para fins sociais, conforme acontece nas mediações informacionais processadas a partir dos *sites* da Avaaz e Wikileaks, descritos no próximo item.

Avaaz e Wikileaks: a mobilização social em contextos digitais

A seguir, apresentamos considerações sobre a interoperabilidade (3.1) e sobre os índices oferecidos pela ferramenta Alexa (3.2) nos *sites* analisados.

⁹ Conjunto de práticas e princípios que definem padrões e modelos de negócios para uma nova geração de softwares e aplicações *web*. (O'REILLY, 2005)

¹⁰ Tradução própria: “Sob o efeito conjugado do desenvolvimento das Tecnologias e da profissionalização da sociedade civil, surge uma rede eficaz de vigilância, acessível a todos os cidadãos que é ao mesmo tempo fonte de informação para as mídias e órgão de vigilância e denúncia de instituições públicas e privadas que desconsideram suas responsabilidades ambientais e sociais”.

1) Interoperabilidade

Interoperabilidade é “a capacidade de sistemas (autônomos ou não) comunicarem de modo transparente entre si, devido à adoção de padrões comuns e protocolos que permitem o uso compartilhado de informações” (MOURA, 2009, p. 198). Neste compartilhamento, ocorre a hibridação de ferramentas favoráveis à eficácia da mobilização social em contextos digitais.

O site da Avaaz tem 7 milhões de membros em 193 países, que participaram em média de cinco campanhas totalizando 35 milhões de ações. A “ação” significa clicar para assinar uma petição virtual relacionada a uma campanha. Com poucos segundos o usuário pode ler a mensagem de apelo e agir, interoperando com Twitter e Facebook.

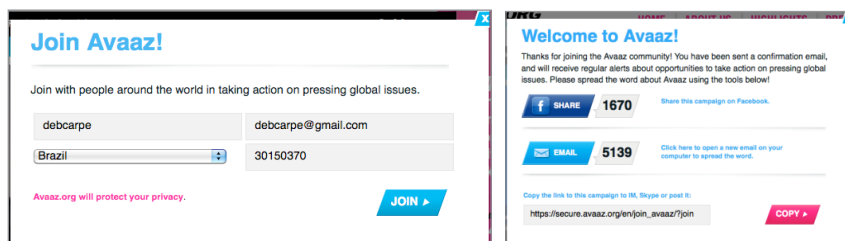


Fig.3. Formulários para socialização automática das campanhas do Avaaz. Disponível em: www.avaaz.org/en.

O site da Wikileaks foi lançado em dezembro de 2006 a fim de compartilhar publicamente documentos confidenciais sobre diplomacia, religião, defesa, política e justiça. Seis meses depois já tinha 1,2 milhão de documentos, enviados por leitores. Os documentos são recebidos de múltiplas fontes, que formam uma rede de anônimos, que enriquecem uma base de dados, sendo que a palavra inglesa “leaks” significa que são “vazados”. Os documentos são enviados digitalmente, criptografados e lidos por revisores, antes da publicação, sendo acompanhados de ícones como as figuras abaixo: “Justice in your hands now” e “Information wants to be free”.



Fig.4. Imagens ilustrativas do site Wikileaks. Disponível em: <http://wikileaks.ch/Support.html>.

Entre as principais revelações do Wikileaks está a publicação de 400 mil documentos secretos do Iraque, que comprovam erros do exército americano no país. Por causa desses documentos expostos, o Wikileaks foi expulso da Amazon, que hospedava o *site*, com a alegação de que o contrato não foi cumprido (CORREA, 2011; SILVA, 2011).

Em 28 de novembro de 2010, a Wikileaks publicou mais de 250 mil documentos enviados de embaixadas americanas ao redor do mundo a Washington, com opiniões dos Estados Unidos sobre líderes mundiais: Cristina Kirchner (presidente da Argentina) irrita-se com críticas; Chávez (presidente da Venezuela) é louco; Ahmadinejad lembra Hitler; a chanceler alemã Angela Merkel não se arrisca... E a secretária de Estado americana Hillary Clinton pede que os embaixadores atuem como espões.

Após a retirada do *site* pela Amazon em dezembro de 2010, ativistas se ofereceram para reproduzi-lo em provedores diferentes pelo mundo, em *mirrors*, *sites*-espelho, que replicam o conteúdo original em outra localidade física, de modo que a informação esteja sempre disponível, o que pode ser considerada uma forma de interoperabilidade. Com base em algoritmo desenvolvido por Laurence Muller, de Harvard, o Google Earth publicou um mapa com a localização dos *mirrors* do WikiLeaks.

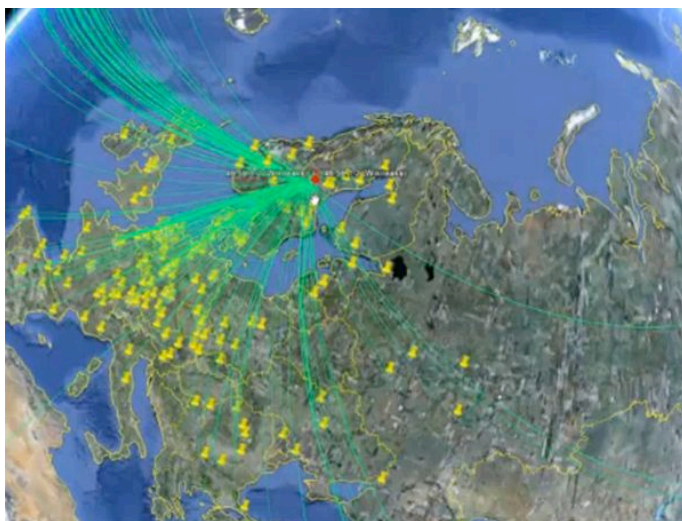


Fig.5. *Mirrors* do Wikileaks. Fonte: <http://www.multigesture.net/2010/12/09/visualizing-wikileaks-mirrors/>

2) Alexa

O índice Alexa Internet Inc.¹¹ mede a trafegabilidade dos *sites* na Internet. Desenvolvido pela Amazon, é um aplicativo que calcula o número de usuários e sua origem.

¹¹ Disponível em: <<http://www.alexa.com/>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

O *ranking* é mundial, considera que a Internet tem em média 6 bilhões de *websites*, e os qualifica mundialmente ou por país. É importante assinalar que os dados são lançados por amostragem, o que não garante os resultados, dinâmicos, podem mudar a cada instante.

O Avaaz foi classificado pelo índice Alexa na posição 5.881 (entre todos os *sites* da *Web*) e apresentou a seguinte avaliação de público:

Avaaz.org's three-month global Alexa traffic rank is 5,881. Roughly 46% of visits to the site are bounces (one pageview only). Compared with Internet averages, its audience tends to be Caucasian; it also appeals more to childless women over the age of 35 who have postgraduate educations and browse from home. Avaaz.org is located in the US. Visitors to it spend roughly 70 seconds on each pageview and a total of two minutes on the site during each visit.

O índice global de tráfego do Alexa para o Wikileaks é de 7.950 com a seguinte avaliação de público:

Compared with all Internet users, the site's audience tends to be male; they are also disproportionately childless, low-income people under the age of 35 who have postgraduate educations. Visitors to the site spend roughly three minutes per visit to the site and 47 seconds per pageview. While approximately 21% of visitors to the site come from India, where it is ranked #7,498, it is also popular in Kenya, where it is ranked #640, and Wikileaks.ch has a bounce rate of approximately 45% (i.e., 45% of visits consist of only one pageview).¹²

O índice Alexa possibilita comparar o fluxo de acesso a um ou mais *sites*. Constatamos um grande aumento de fluxo no Wikileaks em dezembro de 2010, e aumentos semanais contínuos do fluxo no Avaaz.



Fig.6. Gráfico comparativo dos acessos aos sites Avaaz e Wikileaks, de novembro de 2010 a abril de 2011. Fonte: <http://www.alexa.com>.

¹² Disponível em: <<http://www.alexa.com/siteinfo/wikileaks.ch#>>. Acesso em: 19 dez. 2010.

A falácia sentimental da participação colaborativa e outros apontamentos

Os diferentes processos de semiose dinamizados pelo Avaaz e Wikileaks, sites que têm alto índice de trafegabilidade e acesso, refletem a diversidade dos processos pragmáticos para a formação de diferentes públicos em reações factuais, políticas e sociais, advindas dessas dinâmicas cognitivas para a construção de verdades coletivas. Finalmente, resultam em níveis diferentes de interpretantes do signo, no que diz respeito à relação pragmática com seu objeto.

Os índices de trafegabilidade e indexação por mecanismos de busca, embora de cunho técnico, são necessários para que se possa compreender como a organização das mensagens pelos dispositivos materiais promovem (ou não) a emergência de um novo hábito, ou algo mais simbólico, uma consciência global sobre o que é justiça. No caso do Avaaz, percebe-se que o público (essencialmente formado de indivíduos brancos, estudados, do primeiro mundo) já possui um *background* semântico que possibilita o entendimento das mensagens e apelos por uma “justiça global”. As mensagens são mais imagéticas e icônicas que textuais, e já há um consenso geral formado de que poluir o planeta ou apoiar políticos corruptos é inadmissível.

Já o Wikileaks exige mais do público para decifrar as informações. Isso pode ser comprovado pelo maior tempo de permanência na página do Wikileaks (três minutos) em relação ao Avaaz (2 minutos), segundo o índice Alexa. Enquanto no primeiro é preciso decifrar milhares de documentos disponibilizados para *download*, o segundo oferece a informação em formato de campanhas publicitárias.

Os pequenos picos de informação constantes no gráfico do Avaaz no Google Insights comprovam a regularidade temporal semanal do disparo de campanhas. O processo de semiose começa quando o *site* divulga uma campanha, o que leva a uma visitação em massa e revela um interpretante imediato de solidariedade com essas causas. No âmbito do interpretante dinâmico, podemos dizer que esse processo não leva além do interpretante emocional. De fato, não é preciso grande embate energético para que alguém possa decidir se é contra a corrupção ou o apedrejamento de mulheres. A semiose gera uma reação repetitiva, contabilizada – mais de 35 milhões de pessoas já reagiram dessa forma. O afeto constitui o vínculo que caracteriza a relação do signo (a interação reativa) com seu objeto (a causa alegada na campanha). As interpretações, no caso dos interpretantes afetivos, têm desdobramentos que permanecem no âmbito da interpretação e da modificação das interpretações, mas não na mudança de hábito.

Esse processo pode ser comparado ao que William James chama de “falácia sentimentalista”, entendendo por isso uma visão racionalista do pragmatismo, em que “a verdade é o nome de todos os julgamentos que nos sentimos na obrigação de fazer, por uma espécie de dever imperativo” (JAMES, 1974, p. 34). O que seria essa obrigação?

Clicar para salvar as baleias pode ser um exemplo vulgar, típico desse dever imperativo, ou seja, reagir a uma ação proposta pelo Greenpeace¹³ de enviar uma baleia de origami virtual para o governo do Japão, contra a pesca predatória. É uma verdade extraída das turvas particularidades da experiência de quem está geograficamente distante da realidade das baleias no Japão, mas se sente próximo pela sensação de pertencimento global generalizada pelo uso de dispositivos, e ao mesmo tempo frequenta restaurantes japoneses onde consome peixe cru, vindo não se sabe de onde, outro hábito cultural globalizado. Como afirma James “Se tratamos toda essa abstração literalmente e oposta ao seu solo natural em experiência, veja-se em que posição absurda nos colocamos” (JAMES, 1974, p. 35).

É algo tão absurdo quanto adquirir o hábito de fazer xixi no banho orientado por Gisele Bündchen. O método de fixação da crença da modelo beira mais a tenacidade do que a autoridade, embora providencie números de economia da água para justificar sua reivindicação. Sua posição, na sociedade do consumo, é como a de um ícone religioso, sua presença proporciona paz de espírito. Como afirma Dewey (apud JAMES, 1974, p. 36) “a verdade é o que dá satisfação”.

Ao contrário, as cadeias semiósicas do Wikileaks não proporcionam conforto. O movimento informacional de Assange, no Google Insights é evidenciado em um único pico em dezembro de 2010, quando se nota o interpretante energético, ou seja, o embate em torno da legitimidade do Wikileaks, abalada pela prisão de Assange por crime sexual. A indecência das denúncias de erros de guerra e fofocas diplomáticas foi confrontada com dois processos judiciais por sexo indevido (SILVA, 2011). Há um conflito perceptível entre o signo e a mente interpretadora, ligado ao constrangimento do interpretante energético.

Em relação às experiências colaterais, o Google Insights informa sobre a diferença na composição de público. Predominante masculino, com sujeitos de menos de 35 anos e de baixa renda, no caso do Wikileaks. Mulheres brancas pós-graduadas, de países do primeiro mundo, como França, Alemanha e Canadá, no caso do Avaaz, que, diferentemente do Wikileaks, não é buscado por pessoas de países orientais e africanos. Isso nos remete à importância do contexto social na produção de sentido, embora estes dados sejam apenas uma pista da origem nebulosa do sujeito informacional.

A nebulosa acentua-se mais ainda porque, em relação à identificação dos usuários do Avaaz, a página de assinaturas de petições relaciona os seis últimos nomes das pessoas que se cadastraram, mas elas não são acessíveis, nem o *site* possibilita a criação de um perfil público. No anonimato, o véu digital caracteriza os sujeitos fractais habitantes dos movimentos sociais em contextos digitais.

O mesmo acontece com o Wikileaks: não há explicitação dos usuários, a não ser pistas encontradas na lista de *mirrors*. Ora, se as relações face a face são invisíveis, sem que haja possibilidade de interação entre participantes, o envolvimento entre atores torna-se imensurável.

¹³ Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/preserve-a-sua-baleia-de-origami/blog/498/>>. Acesso em: 12 out. 2011.

Se por um lado não é possível identificar atores e interações, que caracterizam as redes sociais, por outro é possível perceber uma rede cognitiva, sóciossemiótica e semântica, segundo Cointet (2009), em torno da busca por palavras-chave. À medida que não há possibilidade de interação, o envolvimento se torna superficial. É fácil protestar e fazer “movimento social” pela Internet porque isso não exige um comprometimento social profundo. O sujeito faz parte de comunidades, mas talvez a ideia de pertencimentos múltiplos e a noção de ubiquidade absoluta exaure a qualidade das relações.

Enquanto o movimento social pela justiça global do Avaaz é superficial e voltado para pessoas que querem mudar o mundo por um clique, o movimento dinamizado pelo Wikileaks provoca mudanças nas relações políticas mundiais e no modo de fazer jornalismo (SILVEIRA, 2011), o que permite caracterizar o Wikileaks como uma rede no seu sentido mais holístico, com capacidade de expansão e contração rizomática.

Em relação à interoperabilidade e compartilhamento, para participar do Avaaz, basta clicar em uma campanha; é fácil, o usuário já está conectado e automaticamente indica o conteúdo aos seus amigos por *e-mail* ou redes sociais, da mesma forma que clica para pedir comida *delivery*. Já para compartilhar o *mirror* do Wikileaks em seu *site*, o usuário leva tempo para fazer *download* de todo conteúdo disponibilizado (mais de 1,2 milhão de documentos) e só depois disso fazer *upload* dos arquivos para o provedor local. Ao assumir o risco de ter seu *site* removido ou perseguido por ser um *mirror* do Wikileaks, este ato se torna subversivo.

Se o Avaaz se diz um movimento de paz transpolítica, organizado em plataformas informacionais de multiusuários, que provoca o imaginário mundial a clicar para compartilhar campanhas e fazer doações, o Wikileaks provoca atuações concretas. Prova disso é o ataque *hacker* PayBack¹⁴, que retirou da Internet *sites* de instituições financeiras e do governo da Suécia.

Ações simultâneas e descentralizadas para alcançar um objetivo comum podem ser comparadas à execução de uma peça musical por uma orquestra, o exemplo dado por Peirce para entender o interpretante lógico. Os movimentos sociais em contexto digital fluem cognitivamente no chamado naturalismo cultural e possibilitam a negociação da formação de valores pragmáticos sustentados por comunidades nebulosas, nas quais não se sabe ao certo quem está dentro da confraria.

Seria isso a fraternidade em tempos de globalização? Debray (2010) afirma que a tendência de sairmos do “nós” hereditário para nos reunirmos por causas comuns é a prova de que os direitos humanos se tornaram sacros. São o ópio do povo no século atual, levam as pessoas a crer e a formar comunidades.

Se estão fora de moda os processos pragmáticos religiosos, da tenacidade, estes são atualmente substituídos pelos processos pseudo-autoritários das ONGs e redes

¹⁴ Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/hackers+derrubam+sites+que+atuaram+contra+o+wikileaks/n1237854090785.html>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

de ciberativismo, os novos totens. É a religião da solidariedade travestida de ciência nos estados laicos, fenômeno que prova que a crença não se dissolve no racionalismo.

Movimento social digital	Interoperabilidade	Google Insights	Níveis de interpretante
Avaaz	Facebook, Twitter, basta clicar.	Pico de procura em dezembro	Interpretante emocional
Wikileaks	<i>Mirrors media</i>	Picos semanais de procura	Interpretante energético e emocional

Tabela: Comparação entre os movimentos Avaaz e Wikileaks.

Débora de Carvalho Pereira é jornalista e pesquisadora do Núcleo de Estudos das Mediações e Usos Sociais dos Saberes e Informações em Ambientes Digitais (Nemusad). É doutoranda em Ciência da Informação pela UFMG (2009-2013), pesquisadora visitante no Centre de Recherche Edgar Morin – Paris (2011/2012) e colaboradora da ONG Sertãoobras.

deborapereira.blog.br
debcarpe@gmail.com

Bibliografia

- ASHENBURG, K. (2007). *The Dirt on Clean: An Unsanitized History*. New York: North Point Press.
- ANTOUN, H.; MALINI, F. (2011). *Controle e biolutas na cibercultura: monitoramento, vazamento e anonimato na revolução democrática do compartilhamento*. XX Encontro da Compós, Porto Alegre.
- BERHAULT, G. (2008). *Développement durable 2.0 L'Internet peut-il sauver La planète?*. Paris: Éditions de l'Aube.
- BRUNO, F. (2009). *Mapas de Crime: vigilância distribuída e participação na cibercultura*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”, do XVIII Encontro da Compós, Belo Horizonte.
- CASTELLS, M. (2002) *A sociedade em rede*. 6ª edição revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra.
- COINTET, J. P. (2009) *Dynamiques sociales et sémantiques dans les communautés de savoirs: morphogenèse et diffusion*. Tese de doutorado do Centre de Recherche en Epistémologie Appliquée. Paris, França.
- CORREA, E. S. (2011). Apontamentos sobre o jornalismo extra-muros do Wikileaks. In: *Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura*, v. 9, n. 2, p. 211-230

- DEBRAY, R. (2009) *Le moment fraternité*. Paris: Gallimard.
- DEWEY, J. (1938) *Logic: the theory of inquiry*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- JAMES, W. (1974) Pragmatismo textos selecionados. In: *Os Pensadores XL*. São Paulo: Editora Abril S.A. Cultural
- KLEIN, N. (2004) Marcas Globais e Poderes Corporativos. In: Moraes, D. *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record.
- MACHADO, A. (2002). O sujeito no ciberespaço. In: PRADO, J. L. A. (Org.). *Crítica das Práticas Midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker, p. 83-97.
- MATTELART, A. (2006) Para que “Nova Sociedade Mundial da Informação”. In: *Sociedade Midiatizada*. MORAES, D. (Org.), Rio de Janeiro: Mauad.
- MOURA, M. A. (2006) *Ciência da Informação e semiótica: conexão de saberes*. Encontros Bibli (UFSC), v. 2, p. 1-17.
- MOURA, M. A. (2009). *Informação, ferramentas ontológicas e redes sociais: a interoperabilidade na construção de tesouros e ontologias*. In: 9th Congress of the Spanish International Society for Knowledge Organization, Valencia, p. 589-604.
- O'REILLY, T. (2005). *What is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the next Generation of Software*. O' Reilly, p. 20. Disponível em: < <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html> >.
- PEIRCE, C. S. (1972). *Semiótica e Filosofia*. Trad. Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix.
- PEIRCE, C. S. (1956). *The collected papers*. Cambridge: Harvard University Press.
- RÉGIS, F. (2008). Tecnologias de comunicação, entretenimento e competências cognitivas na cibercultura. In: *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 37.
- SANTAELLA, L. (1992). *Cultura das mídias*. São Paulo: Razão Social.
- SANTAELLA, L. (1995). *A Teoria Geral dos Signos. Semiose e Auto-geração*. São Paulo: Ática.
- SIFRY, M. L. (2011) *WikiLeaks and the Age of Transparency*. New York: Or Books
- SILVEIRA, S. A. (2011) O fenômeno Wikileaks e as redes de poder. In: *Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura*, v. 9, n. 2, p. 151-166.
- SILVA, J. M. (2011). Da Teoria da Embalagem à transparência total de Julian Assange. In: *Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura*, v. 9, n. 2, p. 201-210.

Artigo recebido em agosto
e aprovado em outubro de 2011.